

O CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO REGIONAL DA FCH/UFGD¹

Paulo Roberto Cimó Queiroz

(docente do PPGH/UFGD; ex-coord. e atual colaborador do CDR)

Em seu conhecido livro intitulado *Arquivos permanentes*, Heloísa Bellotto registra quatro tipos de instituições dedicadas à guarda e gestão de documentos: os arquivos, os museus, as bibliotecas e os centros de documentação.

Dentre essas instituições, nota a autora, as três primeiras têm, cada uma, suas especificidades: as bibliotecas guardam “impressos ou audiovisuais resultantes de atividade cultural e técnica ou científica”; os arquivos custodiam “material de uma gama infinitamente variável [...], oriundo de atividade funcional ou intelectual de instituições ou pessoas, e produzido no decurso de suas funções”; o museu, finalmente, abriga “objetos que tanto podem ter origem artística quanto funcional”. Já os centros de documentação representam, segundo a autora, “um somatório das instituições anteriormente indicadas” (2006, p. 36).

Complementando essa análise, Viviane Tessitore escreve que o centro de documentação “representa uma mescla das entidades anteriormente caracterizadas, sem se identificar com nenhuma delas” (2003, p. 14).

Em resumo, os centros de documentação podem e devem acolher todo tipo de registro documental.

Há, contudo, uma condição indispensável: esses registros devem atender ao propósito específico do centro. Isto é fundamental: cada centro de documentação define seus objetivos e é por eles definido – e esses objetivos devem ser *claros* e *limitados*. Não pode haver um centro de documentação “genérico”, cuja finalidade e abrangência não estejam claramente definidas e delimitadas. Como observa ainda Tessitore, a “diversidade do material reunido” e a “especialização temática” constituem a “marca distintiva” dos centros de documentação (id, p. 15).

¹ Apresentação efetuada no dia 13 jun. 2019, durante o 5º *Seminário Fronteira Oeste: poder, economia e sociedade*, realizado na Unemat, em Cáceres, no âmbito do projeto interdisciplinar e interinstitucional denominado *Fronteiras do espaço central da América do sul: diversidades, tensões e representações*.

Posso dizer que o Centro de Documentação Regional (CDR) da UFGD encaixa-se perfeitamente na caracterização efetuada por Bellotto e Tessitore. De fato, seu acervo inclui:

- 1) Material bibliográfico (livros, folhetos, separatas, excertos, teses, dissertações etc.);
- 2) Documentos de arquivo (documentos únicos, alguns na versão original e a maioria em cópia);
- 3) Material museológico (objetos tridimensionais).

Mas, antes de adentrar na caracterização do acervo do CDR, convém dizer algumas palavras sobre sua configuração institucional.

CONFIGURAÇÃO INSTITUCIONAL

O CDR começou como um *projeto de pesquisa*, idealizado pelo Prof. Wilson Valentim Biasotto e iniciado em 1983 no então Centro Universitário de Dourados (CEUD, campus regional da UFMS). Em 1991 passou a ser uma *atividade permanente* do Departamento de Ciências Humanas (DCH), do mesmo CEUD, e desde 2006, com a transformação do CEUD/UFMS na UFGD, caracteriza-se como um *laboratório* da Faculdade de Ciências Humanas (FCH), sucessora do velho DCH.

O CDR situa-se na Cidade Universitária, a cerca de 15 km do centro da cidade de Dourados, e assim se caracteriza, em termos institucionais:

Espaço físico:

- cerca de 280 m², abrangendo espaços para acervo, consulta, higienização, reprodução e administração.

Pessoal:

- um coordenador (função não remunerada, desempenhada por um docente);
- duas bibliotecárias-documentalistas;
- um colaborador especial (docente aposentado, ex-coordenador);
- estagiários (bolsistas e voluntários) e colaboradores eventuais.

Atendimento:

- atende ao público universitário e à comunidade em geral.

Principais equipamentos:

- 1 scanner planetário A1;

- 1 leitora-digitalizadora de microfimes;
- 1 scanner planetário A3;
- 1 scanner de mesa A3;
- 2 scanners de digitalização rápida A4;
- 1 digitalizador de discos fonográficos;
- 1 digitalizador de fitas cassete.

(além de filmadoras, máquinas fotográficas digitais etc.).

A FORMAÇÃO DO ACERVO DO CDR

O processo de formação do acervo do CDR foi condicionado por diversos fatores e circunstâncias, a saber:

1) *Localização geográfica*

O então CEUD/UFMS situava-se relativamente distante dos arquivos e bibliotecas importantes para o estudo da “região”, concentrados no Rio de Janeiro, Cuiabá e São Paulo.

Assim, o CDR foi pensado como um instrumento para “coletar, organizar e preservar” a documentação para tal estudo, tornando-a disponível “a professores e alunos, bem como à comunidade douradense e sul-mato-grossense”.

A ideia era coletar e tornar disponíveis exemplares, em original ou fotocópia, de livros raros, bem como de quaisquer outras fontes de informações sobre a região.

Por outro lado, o fato de o CDR situar-se em uma região de ocupação não indígena recente levou à formação de um acervo voltado sobretudo ao século XX.

2) *Interdisciplinaridade*

Desde seu projeto inicial o CDR apresentava um sentido interdisciplinar, envolvendo docentes que atuavam nos cursos de História, Geografia, Letras e Pedagogia. Era, portanto, um centro voltado a estudos não especificamente *históricos* mas sim *regionais*, abrangendo aspectos históricos, econômicos, geográficos, literários, culturais, sociológicos, antropológicos, arqueológicos etc. O recorte regional, por sua vez, aprimorou-se com o tempo: hoje, entendemos que o nosso *regional* inclui Mato Grosso do Sul, Mato Grosso, os vizinhos Paraguai e Bolívia e o Oeste dos estados de São Paulo e Paraná.

3) *Ampla concepção de documento*

Influenciado, certamente, pela tendência à diversificação de objetos, abordagens e fontes, sob inspiração da Escola dos *Annales*, o CDR “guarda o que ninguém mais guarda”. De fato, seus responsáveis têm promovido a coleta e guarda de panfletos distribuídos nas ruas, material de propaganda comercial e eleitoral, boletins que só tiveram um número, cartazes pregados em murais, embalagens de produtos regionais e assim por diante.

A ideia, no caso, consiste em guardar hoje o material que poderá servir para as pesquisas de amanhã.

Com estes condicionamentos gerais, o acervo do CDR foi formado, quase exclusivamente, por meio de **doações**. Excepcionalmente, o Centro pôde contar com recursos financeiros para adquirir itens para seu acervo; nesses casos, os recursos vieram basicamente do Programa de Pós-Graduação em História e de projetos de pesquisa coordenados por docentes da FCH.

As doações ocorreram, de modo geral, por iniciativa dos próprios doadores; em muitas ocasiões, no entanto, elas resultaram de esforços de prospecção realizados pelos responsáveis pelo Centro ou seus colaboradores voluntários.

DESCRIÇÃO GERAL DO ACERVO

- 1) **Livros, folhetos, separatas, teses, dissertações e monografias**, num total de quase **9 mil** itens.
- 2) **Jornais, boletins e revistas**, incluindo vários títulos de periódicos científicos, quase exclusivamente sul-mato-grossenses, num total de cerca de **900** títulos.
- 3) **Coleções documentais**, num total de cerca de **140**, contendo textos impressos, documentação manuscrita, material iconográfico, mapas, documentação audiovisual, microfilmes etc. Essas coleções encontram-se em diferentes estágios de organização e apenas umas poucas contam com instrumentos de pesquisa adequados. Além disso, são, na maioria, abertas (isto é, continuam a receber novos itens).

DESTAQUES DO ACERVO DO CDR

Material bibliográfico: vários livros raros, disponíveis seja na forma original, seja em cópia (fotocópia ou versão digitalizada); a biblioteca da antiga Sudeco (extinta em 1990);

dissertações e teses que remontam à década de 1970, bem como monografias de graduação e especialização que provavelmente não podem ser encontradas em nenhum outro local.

Mas o maior destaque encontra-se nas **coleções documentais**. Seguem alguns exemplos de três tipos de coleções:

1) Coleções formadas por documentação coletada pelo próprio pessoal do CDR e colaboradores informais:

a) Documentos originais da antiga Delegacia Regional de Educação e Cultura de Dourados, remontando à década de 1950 (material salvo da destruição no início dos anos 1990 pela então coordenadora do CDR, Prof^a Marina E. Wenceslau);

b) Ampla e variada documentação sobre temas indígenas, abrangendo as diversas etnias presentes sobretudo em MS;

c) Ampla e variada documentação sobre a cidade de Dourados, incluindo coleções de periódicos e milhares de fotografias produzidas desde a década de 1920;

d) Ampla e variada documentação referente às artes em MS, especialmente o teatro;

e) Mapas e plantas referentes a MS e Dourados, desde a 1^a metade do século XX;

f) Ampla documentação sobre o movimento estudantil universitário de MS e principalmente de Dourados, desde a década de 1970;

g) Ampla e variada documentação sobre o Paraguai, incluindo material bibliográfico, reprodução de legislação e jornais paraguaios desde o século XIX, depoimentos de migrantes, documentos sobre relações diplomáticas com o Brasil etc.

Enfim, documentos referentes ao divisionismo, às eleições em MS desde o início dos anos 1990 (especialmente material de propaganda), a várias empresas de colonização atuantes no então Sul de Mato Grosso entre as décadas de 1940 e 1970, ao CEUD/UFMS, à Anpuh/MS, à E. F. Noroeste do Brasil etc.

2) Coleções doadas por terceiros:

a) Arquivos pessoais de figuras atuantes nos meios intelectuais, políticos e empresariais de Dourados e região. Ex.:

- Jary Carvalho Maciel (produtor de erva-mate e liderança social e política em Caarapó);

- Luís Antônio A. Gonçalves (ex-prefeito de Dourados, ex-reitor da UEMS);

- Orcyrio Freire / João Portela Freire (produtores de erva-mate e lideranças políticas de Ponta Porã, com um acervo que remonta à década de 1920);

- Theodorico Luiz Viegas (jornalista, fundador da *Folha de Dourados*);
- Wilson Valentim Biasotto (docente aposentado do CEUD/UFMS, com extensa e intensa atuação política e intelectual na cidade de Dourados).

b) Coleções doadas por docentes e ex-docentes de várias universidades, formadas por documentação reunida para suas respectivas pesquisas acadêmicas sobre MT/MS e/ou acumulada durante suas atividades profissionais. Ex.:

- Alisolete Weingartner (UCDB – documentação diversificada);
- Cláudio Alves de Vasconcelos (UFMS/UFMGD – colonização, temas indígenas);
- Cleonice Gardin (UFMS/UFMGD – Comissão Interestadual da Bacia Paraná-Uruguaí);
- Marisa Bittar (UFMS/UFSCar – divisionismo, elites sul-mato-grossenses).

c) Variada documentação referente ao escritor Lobivar Matos.

3) Coleções formadas por reprodução de acervos pertencentes a outras instituições: Ex.:

- Reprodução, em microfimes ou formato digital, de parte de três fundos pertencentes ao Arquivo Nacional (Rio de Janeiro), remontando à primeira metade do século XX, a saber: Comissão Especial de Revisão das Terras na Faixa de Fronteira (CEFF), Instituto Nacional do Mate (INM) e Território Federal de Ponta Porã (TFPP);
- Periódicos de MT/MS (reprodução, em microfimes, da coleção pertencente à Biblioteca Nacional, num total de cerca de 150 títulos – dos quais muitos ainda não estão disponíveis na Hemeroteca Digital da BN).
- Reprodução, em microfimes ou formato digital, do acervo de Bertoldo Klinger, pertencente ao CPDOC/FGV.

SERVIÇOS REALIZADOS

Uma importante faceta da atuação do CDR tem sido a digitalização de acervos documentais cedidos temporariamente ao Centro para esse fim específico.

A esse respeito, destaca-se um grande projeto, desenvolvido entre 2013 e 2019 (recém-concluído), pelo qual foi digitalizada a coleção completa do jornal *O Progresso*, que circula em Dourados desde 1951 (tendo sido digitalizada também a coleção do jornal de mesmo nome que circulou em Ponta Porã entre 1920 e 1927).

O CDR digitalizou também, em 2015, a coleção completa das atas das reuniões e assembleias da Associação Comercial de Dourados, fundada em 1945.

Além do atendimento normal aos pesquisadores, o CDR recebe também frequentes visitas de grupos de professores e estudantes, do ensino fundamental à pós-graduação, que procuram o Centro a fim de conhecer seu acervo, seus equipamentos e seu trabalho.

ALGUNS DOS DESAFIOS DO CDR

- Ampliar seu espaço físico;
- Calibrar sua atuação, tendo em vista que é cada vez menos necessário guardar material bibliográfico em suportes físicos.

Ideia: concentrar esforços na prospecção, preservação e/ou digitalização de acervos documentais dispersos, sobretudo aqueles em risco de destruição.

OBRAS CITADAS

BELLOTTO, Heloísa Liberalli. *Arquivos permanentes: tratamento documental*. 4. ed. R. de Janeiro: Ed. FGV, 2006.

TESSITORE, Viviane. *Como implantar centros de documentação*. São Paulo: Arquivo do Estado: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2003. (Col. Como Fazer, 9).